



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

JANAÍNA APARECIDA DE JESUS TEIXEIRA ALVES

(depoimento)

2016

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpendo Memórias

Número da entrevista: E-740

Entrevistada: Janaína Aparecida de Jesus Teixeira Alves

Nascimento: 30/07/1991

Local da entrevista: Prefeitura Municipal de Ipatinga - MG

Entrevistadoras: Pamela Siqueira Joras e Rejane Penna Rodrigues

Data da entrevista: 17/10/2016

Transcrição: Pamela Siqueira Joras

Copidesque: Pamela Siqueira Joras

Pesquisa: Pamela Siqueira Joras

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 14 minutos e 08 segundos

Páginas Digitadas: 7 páginas

Observações:

Entrevista realizada para o projeto *Memórias do Programa Esporte e Lazer da Cidade/Vida Saudável* desenvolvido pelo Centro de Memória do Esporte.

* Esse documento tem como base as orientações do “*Manual prático para esclarecimento de procedimentos básicos a serem realizados nas entrevistas*” versão de 2016, desenvolvido pelo GRECCO – Grupo de Estudos em história, Cultura e Esporte, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

O Projeto Garimpendo Memórias está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins de pesquisa acadêmica, extensão e ensino, esta entrevista de cunho documental e histórico. É permitida a citação, no todo ou em parte, desde que a fonte seja mencionada.

Como citar: ALVES, Janaína Aparecida de Jesus Teixeira. Entrevista concedida por Janaína Aparecida de Jesus Teixeira Alves ao Projeto Garimpendo Memórias. Entrevistadoras: Pamela Siqueira Joras e Rejane Rodrigues. UFRGS, Ipatinga (MG), 17 out. 2016, 10.p.

Sumário

Formação em Administração; Processo seletivo para atuar no Programa Esporte e Lazer da Cidade; Projeto piloto de Ipatinga; Atuação na coordenação pedagógica; Esporte e Lazer; População atendida pelo Programa Esporte e Lazer da Cidade; Envolvimento com o Programa Esporte e Lazer da Cidade; Avaliação do Programa Esporte e Lazer da Cidade.

Entrevista com Janaína Aparecida de Jesus Teixeira Alves a cargo das pesquisadoras Pamela Siqueira Joras e Rejane Penna Rodrigues para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

P.J. – Janaína, primeiramente eu gostaria de te agradecer por estar aqui conosco e gostaria que tu começasse falando um pouco da tua formação e do teu envolvimento com a temática do esporte e do lazer.

J.A. – Eu que agradeço pela oportunidade de poder mostrar um pouco da vivência e experiência do PELC¹ de Ipatinga. Eu sou formada em Administração de Empresas aqui pela UNIPAC² em Ipatinga. Antes eu trabalhava em escritórios na área de RH³ e na área de finanças e aí surgiu o processo seletivo da Prefeitura de Ipatinga para trabalhar no PELC. Eu fiz o processo seletivo para ser coordenadora de núcleo, passei e fui convocada. Atuei como coordenadora de núcleo até junho, julho desse ano de 2016 foi então que a nossa coordenadora pedagógica se retirou do Programa e eles me convidaram para ser a nova coordenadora pedagógica.

P.J. – Esse processo seletivo aconteceu em que ano?

J.A. – Foi em 2015, em março de 2015 e nós começamos a trabalhar em junho de 2015.

P.J. – Gostaria que tu nos contasse como aconteceu esse processo, quais eram as etapas...

J.A. – A gente realizou a inscrição pelo IMAM⁴ na Prefeitura de Ipatinga e aí realizamos a prova objetiva e a prova discursiva, eles corrigiram, deram a nota e depois teve a prova de títulos. Então saiu a colocação dos candidatos e os dez primeiros foram convocados de imediato.

P.J. – E o que te motivou, sendo da área da Administração, a participar de um processo seletivo na área do esporte e do lazer?

¹ Programa Esporte e Lazer na Cidade.

² Faculdade Única.

³ Recursos Humanos.

⁴ Instituto Mineiro de Administração Municipal.

J.A. – Eu tinha me formado recentemente e eu queria uma experiência que eu pudesse me desenvolver mesmo com pessoa e como profissional também. E eu sempre quis trabalhar na área de relacionamento de pessoas, trabalhar com pessoas. Por ser um programa social eu iria ter, tanto esse vínculo de documentos mas também lá no núcleo de lidar com as pessoas, lidar com o CRAS⁵, com os beneficiados, com os agentes, foi isso que me motivou.

P.J. – Como coordenadora de núcleo nos conta um pouco como foi esse trabalho, quais as atividades que vocês desenvolviam?

J.A. – No início nós tivemos que fazer a divulgação, captação de beneficiados, fazer a inscrição deles nas oficinas que o PELC de Ipatinga iria oferecer logo no início do Programa. Nós tivemos que verificar também quais os espaços que realmente iriam funcionar, porque como o formulário de requisição é feito antes muitos desses espaços já não estavam mais disponíveis. Tanto por causa de reforma ou porque já tinha outro programa sendo desenvolvido. Depois em outubro que a gente começou efetivamente com as oficinas, em outubro de 2015, e essas pessoas que a gente já tinha feito inscrição aí fizemos contato tanto por telefone, ligamos, mandamos mensagens, e-mail falando que as oficinas iriam começar.

P.J. – Qual era o perfil dessas pessoas? Eram mais adultos? Mais crianças?...

J.A. – Nós temos muito núcleos que acontecem em creche, então, a maior parte é realmente de crianças. No meu núcleo onde eu trabalho no bairro Betânia era uma creche, uma escola, tem o CRAS e alguns espaços abertos. No CRAS o público já é mais variado, temos idosos, temos crianças que gostam de fazer ballet, senhoras, adultas que gostam de fazer ginástica, dança, mas por termos parcerias com escolas e creches o público maior acaba sendo infantil mesmo.

P.J. – Tu comentou um pouco dessas atividades que são desenvolvidas para adultos e para as crianças quais são essas atividades?

J.A. – Quando a gente fez as inscrições a gente não fez inscrição fechada a pessoa não era obrigada a escolher só a oficina que tinha naquele bairro, ela podia escolher qualquer oficina que tivesse em qualquer região de Ipatinga. Com isso a gente pode perceber onde que era mais demandada tal oficina e levar essa oficina para aquele espaço. Para as crianças a gente tem mais ballet, futsal, judô, taekwondo. Para os adultos a gente tem ginástica, a ginástica mais adaptada, temos dança, artesanato, são muitas oficinas cerca de mais de trinta.

P.J. – E quantos agentes trabalham, mais ou menos?

J.A. – Atualmente nós temos um total de 55 divididos entre estagiários e agentes.

P.J. – Esse número se refere agora contigo na coordenação pedagógica ou na coordenação de núcleo?

J.A. – Na coordenação geral do PELC, esse mês a gente fez o levantamento e fechamos em trinta estagiários e vinte e cinco agentes, nove coordenadores de núcleo, uma coordenadora pedagógica e o coordenador geral.

P.J. – E como foi para ti fazer essa transição de coordenadora de núcleo para coordenadora pedagógica? Quais foram tuas dificuldades ou pontos positivos?

J.A. – A mina maior dificuldade foi meio que abandonar o meu núcleo [riso] porque eu teria que dar a mesma atenção que eu dou aos outros núcleos, não poderia mais ficar com o olhar só de coordenadora de núcleo e aí eu fiquei com um pouco de tristeza, vamos dizer assim, de abandonar os meus beneficiados e os meus espaços, mas como coordenadora pedagógica eu tenho mais contato com outros coordenadores de núcleo, com as outras secretarias.... A gente recebe muitos convites para participar de eventos, de conselhos de outras secretarias e isso é o que me motiva a continuar. Gostei muito dessa experiência e

⁵ Centro de Referência em Assistência Social.

quando eu fui convidada eu fiquei surpresa, eu vim aqui conversar com o Cláudio⁶ e o Luis Felipe⁷, foi uma surpresa eu não esperava mas fiquei muito feliz.

P.J. – E como aconteceu a preparação para vocês atuarem, tanto como coordenadores de núcleo como os agentes?

J.A. – Nós recebemos a capacitação do Ministério do Esporte, já fizemos três capacitações e também temos o módulo de Educação à Distância. As nossas reuniões semanais às vezes a gente traz um vídeo, algum tema interessante, uma roda de conversa. Trazemos as dúvidas, os problemas para tentar solucionarmos juntos. Porque às vezes acontece um problema no núcleo X e o Y já passou por isso então nessa roda de conversa toda segunda-feira a gente coloca, a gente expõe um tenta ajudar o outro.

P.J. – Quem participa dessas reuniões?

J.A. – Os coordenadores de núcleo e a coordenação pedagógica.

P.J. – Vocês realizam algum encontro entre os agentes e os coordenadores?

J.A. – Toda semana os coordenadores têm sua própria reunião com seus agentes, então, tem essa reunião individual lá nos seus espaços e de três em três meses a gente faz uma reunião geral com todos os agentes, estagiários, coordenadores, todos os envolvidos.

R.R. – O que é prioritário para o coordenador pedagógico e qual o olhar que ele tem, prioritariamente, com relação aos núcleos?

J.A. – O coordenador pedagógico é como se ele fosse mais um suporte mesmo para os coordenadores de núcleo. Quando o coordenador de núcleo precisa de algo, quando ele precisa resolver algum problema, quando ele tem alguma coisa para fazer no seu núcleo que ele não consegue resolver ele recorre ao coordenador pedagógico então é uma forma de auxiliar, de dar suporte, de tranquilizar e também é um vínculo direto aqui na Prefeitura

⁶ Claudio Gualberto.

⁷ Luis Felipe Dias Ferreira.

quando precisa de solicitação de recursos ou de espaços para organizar algum evento, seria isso.

P.J. – Tu tem circulado bastante nesses espaços e como tu avalia o impacto social nesses locais que tu atua e também visita?

J.A. – A gente tem relatos de mulheres que elas ficavam desocupadas em casa, elas não tinham muitas atividades para fazer, elas não trabalhavam fora. Algumas também relatam que tinham dor de cabeça, ansiedade, um certo início de depressão e elas falam que hoje já não sentem mais isso porque elas, às vezes, não fazem somente só uma oficina, mas fazem duas. Nós tentamos conciliar, por exemplo, se a gente tem uma aula de ballet oito horas da manhã porque não colocamos também o artesanato as oito horas da manhã? Aí a mãe leva o filho e também já faz o artesanato. Quando fazemos eventos a gente procura algum ponto turístico, algum atrativo na cidade. No meu núcleo do Betânia a gente levou nosso grupo de idosos para fazer uma apresentação aí eles chegaram e falaram assim: “Esse que é o Parque Ipanema? Eu nunca vim no Parque Ipanema”. Então levamos eles para conhecerem, dar uma volta, em todos os núcleos sempre tem alguma coisa que acontece que torna aquele espaço único para cada pessoa.

P.J. – Além do que tu já comentou conosco, quais foram as maiores dificuldades que vocês enfrentaram?

J.A. – A captação, o período de inscrição foi logo que a gente foi convocado assim que passou o processo seletivo, em julho e agosto. O Programa começou em outubro, às vezes a pessoa ficou um mês esperando o projeto começar e quando ligamos, mandamos mensagem ela já não estava mais interessada, ou já estava fazendo outra coisa, ou no horário que ela tinha escolhido a atividade já tinha arrumado um emprego. Essa foi a maior dificuldade porque nem todas as pessoas que fizeram a inscrição são o nosso público hoje. Então tivemos que continuar fazendo inscrição, tentando captar pessoas. E outra dificuldade também foram os espaços porque como a solicitação foi feita antes do programa começar alguns locais já não estavam mais disponíveis, tivemos que procurar parceiros, bater na porta mesmo e perguntar se o PELC cabia ali.

P.J. – O que tu destacaria de positivo ou de negativo no PELC?

J.A. – De positivo acho que essa interação mesmo, são muitas pessoas, mas que talvez no dia a dia elas não iriam se conhecer e aí se tornam amigas, se tornam colegas, fazem grupos de amizade. A gente tem oficinas que elas fazem momentos de encontro, de lanche, de interação, esse é um ponto positivo do PELC que ele cria vínculos, cria amizades.

P.J. – E na tua opinião quais os principais legados que o PELC tem deixado para Ipatinga?

J.A. – De que elas podem continuar, de que elas podem se reunir e procurar um espaço público, como o próprio Parque Ipanema, uma praça e depois que o PELC... Se ele realmente for acabar, o período, que elas se reúnam, que voltem a se encontrar que esses vínculos permaneçam.

P.J. – E na tua opinião o que seria possível fazer para qualificar o programa ainda mais?

J.A. – Eu não sei porque acho que anda tudo muito bem. No começo nós tivemos muitas dificuldades para captar as pessoas, mas com um ano de Programa a gente conseguiu, não só superar, mas às vezes quando aparece algum espaço que não tá disponível que vão fazer alguma reforma a gente já sabe o caminho que a gente deve procurar.

P.J. – Tem mais alguma coisa que não perguntamos e tu gostaria de compartilhar conosco?

J.A. – No momento bate um branco assim, com certeza teria muito mais coisas para gente comentar mas que agora não me ocorrem. O PELC é muito bom para a cidade, para as pessoas que esse Programa não acabe não só em Ipatinga mas em outras cidades mesmo, pelo país.

R.R. – Para ti, o que te trouxe o PELC?

J.A. – Acho que é melhorar como pessoa, o olhar pelo outro sem ficar julgando. Quando a gente tem contato lá no núcleo, lá no espaço mesmo a gente conhece muitas pessoas, muitas realidades que a gente só olhava e apontava, como cidadão a gente aponta muito e

depois que a gente conhece de verdade é ter um outro olhar para essas pessoas que elas precisam mais do nosso auxílio, da nossa companhia, às vezes nem é por oferecer muito pela companhia de estar ali escutando. Acho que é isso que eu vou levar.

P.J – Muito obrigada pela tua entrevista.

J.A. – Eu que agradeço!

[FINAL DA ENTREVISTA]